

Pesquisa sobre a génese das variedades não nativas de línguas coloniais e instrumentos de análise: uma aliança fertilizadora

Perpétua Gonçalves
Universidade Eduardo Mondlane

1. Introdução

Durante muito tempo, as variedades não nativas (VNN) de línguas coloniais constituíram uma espécie de parentes pobres da grande família das línguas naturais. Ao contrário dos crioulos – que emergiram, tal como aquelas, em situação de contacto linguístico e que beneficiam, desde há muito, de uma atitude discriminatória positiva, em que se pugna pelo seu reconhecimento como línguas não deficitárias – até recentemente o estudo das VNNs não parecia ser considerado relevante para o desenvolvimento da teoria linguística.

A discriminação negativa das VNNs decorreu, de uma maneira geral, da dinâmica político-social do período histórico em que estas se formaram, estando igualmente relacionada com limites que a própria teoria linguística ainda apresentava até meados do século XX.

No que respeita ao contexto político-social, destaca-se o facto de que, por emergirem em sociedades coloniais, fortemente marcadas por preconceitos sócio-culturais e também raciais, durante muito tempo, as VNNs foram vistas como subprodutos das línguas coloniais, sendo consideradas línguas 'imperfeitas' geradas pelas populações colonizadas, que pareciam incapazes de aprender o padrão europeu na sua plenitude. As inovações registadas em diversas componentes gramaticais (fónica, lexical, morfológica, sintáctica, etc.) eram assim alvo de atitudes negativas, quer por parte dos falantes nativos do padrão europeu, supostos representantes desse padrão, quer pelos próprios membros das comunidades em que estas variedades emergiram. Para os primeiros, elas eram frequentemente consideradas "versões deficientes" do padrão nativo (Williams, 1987: 163), e os seus falantes eram vistos como "não-educados" e até "não inteligentes" (Zuengler, 1989: 88). Por sua vez, no que se refere aos próprios falantes das VNNs, verifica-se que estes oscilam até hoje entre atitudes de rejeição de muitas das inovações que eles próprios criaram, e o reconhecimento e institucionalização dessas inovações como parte das normas locais das regiões em que emergem.¹

¹ Para uma visão panorâmica destas atitudes, veja-se Kachru (1986), para as VNNs do Inglês, e, para as VNNs do Português, veja-se Dias (2002) e Gonçalves (2005).

Se os factores de natureza político-social condicionaram fortemente uma abordagem deturpada das VNNs de línguas coloniais, não se pode deixar de assinalar que esta visão é igualmente determinada pela própria história da ciência linguística, que não dispunha, durante muito tempo, de instrumentos teóricos e metodológicos suficientemente sofisticados que permitissem captar, de forma objectiva e isenta, os processos e mecanismos que estão na sua génese. Por esta razão, só na segunda metade do século XX ficou disponível argumentação teórica consistente, que tornou possível uma investigação objectiva das VNNs de línguas coloniais, criando-se assim condições para pôr fim a um longo período de discriminação negativa.

2. Desenvolvimentos recentes da teoria linguística e limites

Do ponto de vista teórico, a peça charneira para este desenvolvimento espectacular da ciência linguística foi a mudança de foco – encabeçada pelo programa de investigação da gramática generativa – do estudo do comportamento linguístico e dos produtos desse comportamento para o chamado “problema de Platão”, que questiona a forma como se desenvolve o conhecimento humano. No âmbito dos estudos generativos, esta questão, que é também conhecida como o “problema da pobreza do estímulo”, procura dar conta da complexidade e especificidade do conhecimento linguístico alcançado pelos falantes de uma língua particular, apesar das evidências limitadas a que estão expostos no processo da sua aquisição.

A pesquisa sobre os princípios que entram na construção do sistema de conhecimento que está subjacente ao uso e compreensão da linguagem representou uma mudança do foco da atenção para a faculdade inata que torna possível os humanos adquirirem tal conhecimento. Se é incontestável que a mudança no alvo da investigação desempenhou um papel decisivo nos progressos registados na teoria linguística, não se pode deixar de destacar que esta viragem implicou igualmente uma mudança no enfoque científico, que atinge não apenas o objecto de estudo propriamente dito, mas também a perspectiva da sua observação. Com efeito, ao colocar como questão central do programa de investigação da gramática generativa não apenas a descrição, numa perspectiva sincrónica ou diacrónica, de propriedades e regras da gramática das línguas humanas, mas a forma como essas propriedades e regras são adquiridas e se estruturam na mente dos sujeitos, está-se, em última instância, a mudar o foco da pesquisa para questões processuais (‘process issues’), tornando as questões descritivas (‘property issues’) complementares daquelas.

Ao dar este passo, a gramática generativa abriu um campo fértil para a investigação interdisciplinar, permitindo diluir não só anteriores dicotomias entre a linguística e a psicologia (Sorace *et al.*, 1999), mas, sobretudo, criando um formalismo conceptual que permite dar, pela primeira vez na história da ciência linguística, uma “resposta unificada” (Duarte, 2003: 31) a questões fundamentais que se levantavam à pesquisa linguística e que não tinham sido anteriormente articuladas entre si de forma tão consistente. Estão neste caso a aquisição (incluindo a aquisição de línguas não maternas), a variação entre as línguas naturais e a mudança linguística (incluindo a génese das línguas que emergem em situação de contacto linguístico). Para Duarte

(2003: 39), uma das consequências mais interessantes desta uniformização é a “globalização da argumentação linguística” em que dados e análises construídas para cada um dos problemas clássicos da linguística podem ser usados na argumentação sobre outro dos problemas.

A “globalização da argumentação linguística” assim como a viragem da investigação para questões processuais teve implicações importantes nos progressos registados em vários campos da linguística, nomeadamente a linguística histórica e a aquisição de línguas não maternas (L2). Por sua vez, os novos instrumentos teóricos acabaram por se revelar particularmente fertilizadores para o estudo do processo de formação das VNNs de línguas coloniais.

No que se refere ao estudo da mudança linguística, com o trabalho desenvolvido por Lightfoot desde os anos 70, começam a ser contestadas abordagens meramente descritivas dos fenómenos diacrónicos, que tenham apenas como alvo o estabelecimento de uma tipologia das mudanças possíveis nas línguas naturais. Lightfoot (1981: 209) defende, assim, que deve ser possível dispensar uma teoria independente da mudança linguística, e explicar as mudanças com base numa “teoria restritiva da gramática e alguns pressupostos sobre a natureza da aquisição da linguagem.” A mudança linguística deverá pois ser vista como um subcaso do processo de aquisição da linguagem, ao longo do qual, devido à actuação de factores externos, pode acontecer que as crianças estejam expostas a dados linguísticos diferentes dos da geração anterior, que contenham ambiguidades, fazendo assim emergir novas propriedades gramaticais. É no quadro desta viragem na abordagem da mudança linguística ‘normal’, que atinge as línguas adquiridas como L1s, que Lightfoot (1991: 174) considera possível tratar os crioulos – que resultam de um processo de aquisição “não usual” em que o *input* está particularmente empobrecido – como línguas ‘normais’,² defendendo que “não há razão para invocar estratégias especiais de aprendizagem para as línguas crioulas, ou argumentar que os crioulos têm um estatuto especial, reflectindo a Gramática Universal de algum modo especial” (idem: 182). Esta mudança de foco na abordagem do processo de aquisição e mudança das línguas naturais permitiu igualmente questionar a hipótese “quimérica”, de existência de traços crioulos, que possam servir como “critérios categóricos” para distinguir os crioulos das restantes línguas naturais (cf. DeGraff, 1999a: 11). Considera-se assim que a pesquisa deve orientar-se para o estudo dos processos cognitivos comuns à crioulação, à aquisição das L1s e à mudança linguística normal (idem: 11-13), deixando de lado visões anteriores baseadas em listagens de propriedades gramaticais independentes. Em síntese, no que respeita a abordagem diacrónica das línguas naturais, no último quarto do século XX assiste-se à criação de argumentação que mostra a possibilidade de usar o mesmo formalismo conceptual na análise da aquisição e da mudança linguística, permitindo não só tratar esta como um subcaso da aquisição da linguagem, como associar entre si processos de mudança linguística, anteriormente tratados de forma independente.

² Este é um argumento que Lightfoot (1991: 180) utiliza em favor da sua hipótese de que “os dados *relevantes* para a aquisição da linguagem são estruturalmente limitados”, ou por outra, de que é possível adquirir ricos sistemas de conhecimento com base em dados empíricos empobrecidos.

A mudança no foco da investigação exhibe-se igualmente nos estudos sobre aquisição de L2s que, desde o início dos anos 80, desenvolveram argumentação com vista a identificar os seus paralelismos com a aquisição da L1, procurando assim diluir as fronteiras anteriormente estabelecidas entre estes dois processos de aquisição da linguagem. Actualmente, depois de um longo debate sobre a natureza do processo de aquisição de L2s – mais particularmente a questão do acesso (total, parcial ou nulo) à Gramática Universal – é já aceite pela maior parte dos investigadores que, embora os meios e, sobretudo, o resultado final possam ser diferentes, a tarefa de aquisição de uma L2 é idêntica à da aquisição de L1.³ Considera-se assim que, na aquisição de L2, o “problema da pobreza do estímulo” se coloca igualmente visto que, tal como na aquisição da L1, os aprendentes de L2 têm de adquirir uma representação mental da gramática da língua-alvo na base de *input* deficiente (Cf. White, 2000: 133). Também neste caso se pode considerar que, para determinar as causas das diferenças no resultado final da aquisição da L1 e de L2s, foi a orientação da investigação para questões processuais – que dão conta dos mecanismos envolvidos na construção de uma gramática – que providenciou respostas não triviais.

Em suma, sem retirar a importância que os estudos descritivos desempenharam e desempenham no desenvolvimento da teoria linguística, não se pode deixar de ressaltar que, quer se trate do estudo da aquisição de línguas maternas ou não maternas, da variação entre as línguas naturais ou da mudança linguística (incluindo a génese dos crioulos), a teoria linguística actual evoluiu para uma abordagem mais restritiva, e este avanço é indissociável da viragem para o estudo dos processos mentais que subjazem o nosso conhecimento e uso da linguagem.

Os avanços que a mudança de foco da investigação proporcionou à pesquisa sobre as línguas naturais não se traduziram na reabilitação imediata e automática das VNNs. Assim, no que se refere à pesquisa sobre o processo de aquisição de L2s, ainda que os investigadores que trabalham nesta área tenham defendido o desenvolvimento de teorias unificadas, que mostrem as propriedades comuns à aquisição de L1s e de L2s (cf. Gass e Schachter, 1989; Williams, 1987; Flynn e O’Neil, 1988), num primeiro momento, os seus estudos debruçavam-se quase exclusivamente sobre dados produzidos por adultos em contexto instrucional. Desta forma, salvo raras excepções, embora a aquisição de L2s por crianças em contexto natural constitua a situação que reúne mais condições para a sua equiparação à aquisição de L1s,⁴ ela não era sistematicamente tomada como alvo nestas pesquisas. Não é, pois, de admirar que as VNNs, que são tipicamente adquiridas por crianças em contexto natural⁵ – e que poderiam ter constituído um estimulante

³ Note-se, contudo, que, só recentemente, os investigadores que trabalham no âmbito da gramática generativa reconhecem que os aprendentes de L2s raramente atingem uma competência idêntica à dos falantes nativos, revelando frequentemente erros “persistentes”, sem que isso signifique que o processo de aquisição de L2 não é gerido pela Gramática Universal (cf. White, 2000; Hawkins, 2000; Long, 2003).

⁴ Como ressalta Lakshmanan (1994: 19-20), ao contrário dos adultos, as crianças que aprendem L2s são tipicamente bem sucedidas neste processo, pelo que o estudo de dados produzidos por crianças oferece mais condições para testar a validade das pesquisas teóricas sobre a questão do acesso à Gramática Universal.

⁵ Em sociedades coloniais e pós-coloniais africanas, isto é particularmente válido para os centros urbanos, já que, em meio rural, a maior parte das crianças está exposta à língua europeia quase exclusivamente em contexto instrucional.

laboratório para esta pesquisa – também não tivessem sido tomadas em consideração nesta fase em que se procurava testar a validade da teoria de aquisição de L1 em dados de L2.⁶ É, aliás, interessante assinalar que, durante muito tempo, nem mesmo aqueles que se notabilizaram pela reabilitação das VNNs puseram suficientemente em destaque esta faceta da sua génese na argumentação apresentada em defesa do seu estatuto de línguas não deficitárias (cf. Kachru (1986) sobre o Inglês da Índia). Assim, por exemplo, ao explicarem as diferenças que estas apresentam relativamente ao modelo europeu, valoriza-se mais especialmente a necessidade de os seus falantes adaptarem as línguas coloniais aos novos contextos etno-culturais, um alvo que só pode ser estabelecido por uma comunidade adulta.

No que se refere à equiparação dos processos de mudança que atingem as línguas naturais, verifica-se igualmente que, até muito recentemente, as VNNs não eram tomadas em consideração, nem mesmo pelos teóricos que apresentam argumentos contra as “falsas” barreiras entre as línguas naturais, nomeadamente contra uma abordagem dos crioulos como línguas especiais (Cf. Lightfoot, 1991; 1999; 2006; DeGraff, 1999a).⁷ Assim, apesar de ser já aceite por um número considerável de investigadores que a aquisição de L2s é equiparável à aquisição da L1 e, sobretudo, apesar de as VNNs resultarem tipicamente, tal com os crioulos, de um processo de aquisição por crianças, estas não foram sistematicamente tomadas como fonte de argumentação empírica capaz de fertilizar a área da linguística histórica, como aconteceu com a pesquisa sobre a criouliização. Também neste caso, à semelhança do que aconteceu relativamente à pesquisa sobre aquisição de L2s, verifica-se que os investigadores que trabalham sobre as VNNs participam pouco no debate em defesa da equiparação dos processos de mudança que atingem as línguas naturais, não valorizando, por exemplo, o papel das crianças no desenvolvimento diacrónico das normas europeias usadas em sociedades pós-coloniais.

Em suma, apesar de todo o potencial empírico que a pesquisa sobre as VNNs pode oferecer para o estudo da aquisição e mudança das línguas naturais, durante longos anos elas não foram incorporadas como parte da aliança que deve fertilizar o progresso das ciências empíricas.

3. Pesquisa sobre as VNNs e teoria linguística: uma aliança fertilizadora

Este papel de ponte entre a base empírica e a teoria poderia talvez ter sido desempenhado pelos investigadores que se encontravam no terreno em que as VNNs emergem, que estavam em condições mais favoráveis para ter uma melhor percepção do

⁶ Vale a pena mencionar Odlin (1992), que considera que a pesquisa sobre a aquisição de L2s e os estudos sobre contacto linguístico podem ser mutuamente enriquecedores, visto que a primeira pode providenciar os princípios para estabelecer a possibilidade de transferência de estruturas particulares, enquanto os segundos ampliam o conjunto de dados que podem contribuir para uma teoria fiável da transferência linguística.

⁷ Por exemplo, no seu trabalho recente, Lightfoot (2006: 140) mantém a argumentação anterior em favor do tratamento dos crioulos como línguas não excepcionais e “bem estabelecidas”, apresentando argumentos que mostram que este é um resultado esperável para aqueles que acreditam que “a emergência das gramáticas depende apenas do acesso a estruturas simples robustamente expressas na língua ambiente”.

seu potencial empírico. Como foi aqui visto, contudo, durante muito tempo – provavelmente devido a condicionalismos da sua época histórica – estes não valorizavam particularmente questões relacionadas com a aquisição e mudança, ocupando-se sobretudo da sua reabilitação como membros de direito da família das línguas naturais. Os seus estudos ocupavam-se assim, maioritariamente, da descrição das propriedades específicas das suas gramáticas, e das características dos contextos sociais em que as VNNs emergem.⁸ Além disso, como salientam Sridhar & Sridhar (1994), em muitos casos, esta pesquisa – incluindo aquela que se realizou sobre as VNNs do Inglês, que tem uma história mais longa do que a que se realizou sobre VNNs do Português – caracteriza-se pelo seu carácter demasiado “impressionista”, não se revelando ancorada num quadro teórico sólido, e nem sempre empregando metodologias de pesquisa suficientemente fiáveis (cf. Sridhar & Sridhar, 1994: 41-42). Esta é talvez a principal razão por que os estudos sobre as VNNs não foram, durante algum tempo, realizados com base nos instrumentos de análise disponibilizados pela teoria linguística, quebrando assim a cadeia de fertilização mútua que teria podido enriquecer não só a investigação sobre as VNNs, como também a própria teoria.

De um modo mais particular, verifica-se que, durante uma primeira (longa) fase, muitos dos estudos sobre as VNNs – e mais particularmente sobre as variedades do Inglês – procuram demonstrar que as diferenças que estas apresentam relativamente ao padrão europeu resultam de um processo normal de aquisição em que os aprendentes têm acesso à língua padrão em contexto natural e formal, em que há, por conseguinte, condições para os falantes atingirem um conhecimento da L2, idêntico ao dos falantes de L1s (cf. Mufwene, 1994; 1997). Os investigadores insistem assim fortemente no facto de estas não resultarem de um processo incompleto de aquisição da língua-alvo/L2, e defendem que as suas diferenças relativamente ao padrão europeu devem ser vistas como o resultado de “estratégias cognitivas e comunicativas” (Sridhar, 1992:141), através das quais se processa a sua “nativização” (Kachru, 1986) e adaptação aos novos contextos socioculturais e linguísticos, onde são adoptadas como línguas de comunicação de vastas comunidades. Estes estudos lutam assim pelo tratamento das VNNs como sistemas independentes das variedades padrão nativas, e não apenas colecções de ‘erros’ ou ‘desvios’⁹ que ficaram congelados (Mohan, 1992; Williams, 1987). Como afirma Williams (1989: 118), ainda que as VNNs resultem de um processo de aquisição individual pelos membros das comunidades em que são faladas, as alterações que estes possam ter introduzido foram institucionalizadas, tornando-se parte do padrão legítimo das nações em que são adoptadas como línguas de comunicação.

Vale a pena ressaltar que, no que se refere à pesquisa sobre o PM, esta não segue (exactamente) este percurso, muito provavelmente devido ao facto de ter tido início muito recentemente, em meados dos anos 80 (cf. Maciel & Pascoal, 2002). Assim,

⁸ Veja-se Sridhar & Sridhar (1994: 43-44), para uma visão panorâmica destes estudos.

⁹ Como refere Lowenberg (1986: 3), os estudos orientados para a comparação das estratégias linguísticas subjacentes ao processo de nativização das VNNs e de aquisição de L2s são simplificadoras, podendo levar a concluir que estas “não são nada mais do que o desenvolvimento num nível social de interlínguas fossilizadas”.

diferentemente do que aconteceu com o estudo sobre outras VNNs de línguas coloniais, quando se inicia a pesquisa sobre o PM, a etapa de reabilitação das VNNs e de defesa do seu estatuto de línguas não deficitárias está já praticamente ultrapassada, podendo por isso o seu estudo orientar-se numa perspectiva idêntica à que se adopta no estudo das línguas naturais de uma forma geral.¹⁰

Os estudos realizados sobre as VNNs já no quadro dos novos desenvolvimentos da teoria linguística, mais particularmente na área da aquisição de L2s e da mudança linguística, tiveram início mais recentemente. Como procurarei aqui mostrar, são estes estudos que vão, por sua vez, fertilizar esta mesma teoria, alargando o seu âmbito e fortalecendo-a.

No que se refere à aquisição de L2s, autores como Sridhar & Sridhar (1986; 1994), tomando como objecto de estudo as VNNs do Inglês, vêm valorizar a importância da sua análise numa reavaliação das teorias sobre aquisição de L2s em contextos pós-coloniais, propondo um “diálogo” entre estas e os estudos sobre aquisição das VNNs, relativamente aos objectivos, aos pressupostos teóricos e à metodologia de investigação. Chamam assim a atenção para o facto de que o estudo das L2s estava demasiado circunscrito à dimensão individual deste processo, não sendo suficientemente valorizado o papel que nele podem desempenhar os factores extra-linguísticos. Estes autores destacam importantes aspectos típicos dos contextos sociais de aquisição das VNNs, relacionados com os objectivos, com as motivações dos aprendentes e ainda com a qualidade do *input* a que estes estão expostos. Entre outros aspectos, Sridhar & Sridhar mostram que, diferentemente do que acontece na aquisição individual de L2s, em que os aprendentes têm como objectivo adquirir uma competência na língua-alvo idêntica à dos falantes nativos, para os falantes das VNNs, a norma nativa (europeia) é irrelevante, dada a necessidade de “indigenizar” a língua-alvo, de forma a torná-la um veículo apropriado para transmitir o peso da experiência local. No que diz respeito à motivação dos aprendentes para um sucesso pleno na aquisição da língua-alvo/L2, os autores destacam que, enquanto na aquisição individual os aprendentes têm uma motivação “integrativa” – que envolve admiração pelos falantes nativos e até o desejo de fazer parte da sua cultura – os falantes de VNNs têm apenas uma motivação “instrumental”. Quanto à qualidade do *input* que está disponível para os aprendentes individuais de L2s, os autores consideram que esta é extensiva e intensivamente suficiente para permitir a aquisição de uma competência plena, ao passo que os falantes das VNNs estão expostos a uma variedade indígena, limitada apenas a alguns estilos e actos de fala (por exemplo, os registos académico e burocrático, mas não os registos informal e afectivo).¹¹

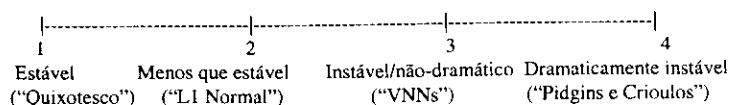
¹⁰ Numa fase inicial, esta pesquisa sobre a gramática do PM caracteriza-se por ser eminentemente descritiva, tendo um objectivo heurístico, de descoberta das propriedades e regras mais salientes, que o diferenciam do modelo de origem, o PE, sistematicamente tomado como referência.

¹¹ Note-se que alguns autores contestam parcialmente os argumentos de Sridhar & Sridhar (1986). Zuengler (1989: 90) considera, por exemplo, que a noção de alvo que estes autores apresentam é “confusa e super-simplificada”, uma vez que tanto os aprendentes individuais de L2s como os das VNNs são confrontados com escolhas que reflectem variações a nível do padrão tomado como alvo. A autora discorda igualmente que se considere que, no contexto de aquisição das VNNs, o *input* é mais restrito, uma vez que o seu uso numa gama variada de contextos – que inclui as relações comerciais, a vida política, os meios de

No que se refere mais particularmente à pesquisa sobre a aquisição do PM/L2, a sua análise à luz dos novos instrumentos teóricos contribuiu igualmente para fertilizar a teoria, fornecendo argumentos empíricos sobre o papel da qualidade do *input* na reestruturação das gramáticas de interlíngua (cf. Gonçalves, 2002). De um modo mais particular, esta pesquisa permitiu mostrar que, para além de o *input* de uma língua poder ser ambíguo tanto para aprendentes que a adquirem como L1 ou como L2, certas estruturas são ambíguas apenas para os aprendentes de L2, devido à influência do conhecimento que já possuem da gramática da sua L1. Os novos valores de parâmetro da gramática atingida pelos aprendentes de L2 emergem assim das mesmas evidências que fazem emergir valores de parâmetro convergentes com a língua-alvo, quando esta é adquirida como L1.

No que se refere à área da linguística histórica, e já no quadro da nova abordagem das VNNs de línguas coloniais, Mufwene (1994; 1997) apresenta argumentação em defesa da unificação do processo de formação dos vários tipos de 'línguas de contacto', defendendo que todos eles são o resultado da apropriação e reestruturação de uma língua por um grupo estrangeiro. As 'línguas de contacto' podem assim ser analisadas através de uma mesma fórmula de reestruturação, induzida por contacto linguístico, que resulta de "adaptações a novas condições ecológicas e linguísticas" (Mufwene, 1994: 25).

Dando continuidade a esta proposta de unificação da génese das 'línguas de contacto', e procurando igualmente relacionar de uma forma mais consistente diferentes cenários de aquisição e mudança linguística – mais especificamente, a mudança 'normal', a crioulização e a génese das VNNs – Gonçalves (2004) defende que, do ponto de vista diacrónico, as VNNs ocupam uma posição intermediária entre a mudança gradual de L1 e a mudança catastrófica (Bickerton, 1988: 268). De um modo mais particular, neste estudo sugere-se a inclusão das VNNs como novo membro do *continuum* de "classes de cenários de aquisição" proposto por DeGraff (1999b: 475). Esquemmatizando:



Neste estudo, tomando como base resultados da pesquisa sobre o PM, o cenário das VNNs é designado "instável/não-dramático" porque, por um lado, diferentemente do cenário 2, em que apenas um pequeno número de valores de parâmetro distingue dois estágios da mesma gramática, as VNNs divergem dos padrões europeus por um importante número de valores de parâmetro. Por outro lado, diferentemente do cenário dos pidgins e crioulos, as VNNs divergem das gramáticas dos padrões europeus de forma menos radical, tornando as diferenças entre elas menos espetaculares do que neste cenário.

comunicação social e o sistema educativo – providencia um *input* às vezes mais rico do que aquele a que estão expostos os aprendentes em contexto instrucional.

Assumindo que os mesmos processos cognitivos estão envolvidos em todos os cenários do *continuum* de aquisição e mudança linguística, neste estudo, apresentam-se argumentos empíricos que validam a hipótese de que as diferenças entre estas instâncias de mudança linguística são apenas “em número”, e não “em qualidade” (cf. DeGraff, 1999a: 11-13).

Estes são apenas alguns exemplos que podem ilustrar o potencial da pesquisa sobre as VNNs para o desenvolvimento da teoria linguística, quando esta é realizada num quadro teórico sólido, com recurso a metodologias de investigação apropriadas. Em última instância, é este tipo de pesquisa que pode permitir colocar definitivamente as VNNs no horizonte dos estudos que promovem uma abordagem científica, despreconceituada, da sua aquisição e génese.

4. Perspectivas da aliança fertilizadora

A finalizar esta reflexão sobre a relação mutuamente fertilizadora que resulta da adopção de novos instrumentos teóricos na pesquisa sobre as VNNs, e das contribuições desta para o fortalecimento da teoria, gostaria de apresentar aqui uma área de pesquisa que pode ilustrar as potencialidades do seu estudo para o desenvolvimento da pesquisa diacrónica actual.

No conjunto de questões processuais associadas à mudança linguística, sobressai a forma como a qualidade da experiência linguística dos aprendentes que vivem em comunidades monolíngues ou multilíngues dá origem a novos sistemas linguísticos. Como nota Lightfoot (2006:184), o estudo da mudança linguística requer a articulação das “diferenças nas línguas-I, ligando-as a diferenças nas línguas-E, mostrando de que forma a nova língua-E fornece os “gatilhos” (“triggers”) para uma nova língua-I e esta, por seu lado, contribui para o surgimento de uma nova língua-E”.¹²

A falta de acesso aos “gatilhos” que, em estágios anteriores, desencadearam mudanças nas línguas-I em comunidades monolíngues constitui uma das principais limitações da pesquisa diacrónica, uma vez que, de um modo geral, os dados históricos apenas revelam mudanças em estágios tardios de desenvolvimento. Por essa razão, grande parte da argumentação da linguística histórica tem dependido da observação de mudanças já completas, e não directamente das origens das inovações. No que se refere às mudanças que estão actualmente em curso nestas comunidades, a sua identificação é dificultada pelo facto de serem em número reduzido as diferenças nas línguas-E que virão a dar origem a novos estágios de língua, tornando-se, por isso, pouco salientes.¹³

A fim de preencher estas lacunas de informação da pesquisa diacrónica, vários autores têm defendido que, devido ao facto de os crioulos emergirem por exposição a evidências “não usuais”, empobrecidas, o seu estudo pode ter uma grande importância

¹² Os termos *língua-I* e *língua-E* constituem, no quadro da terminologia generativista, formas abreviadas de *internalized language* (*I-language*) e *externalized language* (*E-language*), respectivamente. Cf. Chomsky, 1986.

¹³ Para exemplo de pesquisa sobre comunidades monolíngues, que procura captar a mudança linguística em tempo real (de curta duração), veja-se Paiva & Duarte (2003), que reúnem um conjunto significativo de estudos sobre o Português do Brasil, realizados no quadro da sociolinguística variacionista.

para a captação da natureza dos “gatilhos” que fazem emergir novos sistemas gramaticais (cf. Lightfoot, 1991; 1999; 2006; DeGraff, 1999a). Contudo, tal como acontece relativamente à mudança que ocorre em comunidades monolíngues, também neste caso os investigadores se debatem com a falta de dados “autênticos”, visto que, em geral, só têm acesso aos resultados da crioulização e não ao processo que lhe deu origem.

É neste quadro geral que o estudo da génese das VNNs pode fornecer argumentos empíricos que contribuam para o fortalecimento da teoria linguística, não só devido ao facto de as mudanças relativamente aos padrões europeus estarem em progresso, e consequentemente acessíveis, mas, sobretudo, devido à sua maior visibilidade.¹⁴ Como foi aqui visto, pelo facto de as VNNs serem tipicamente adquiridas como L2s, as mudanças que as atingem são em maior número do que as que se observam em comunidades monolíngues, e ocorrem também com maior rapidez, proporcionando assim evidências mais fortes sobre os “gatilhos” da língua-E que favorecem a emergência de novas propriedades gramaticais.¹⁵

A fim de responder a estes desafios da pesquisa diacrónica, é necessária uma reorientação da pesquisa sobre a experiência linguística dos aprendentes das comunidades onde estão a emergir as VNNs. Como foi aqui visto, até ao momento presente, esta pesquisa tem-se ocupado sobretudo da descrição das novas línguas-I, ou melhor, tem tomado como alvo os resultados da mudança linguística e não o processo propriamente dito. De um modo geral, por conseguinte, as produções da comunidade adulta de falantes das VNNs não têm sido analisadas como amostras da experiência linguística a que estão expostos os aprendentes da geração seguinte, que contêm os “gatilhos” que desencadeiam a emergência de novas línguas-I.¹⁶ Para que o potencial empírico das VNNs possa ser usado na fertilização da teoria linguística, a pesquisa sobre a sua génese tem de adequar os seus objectivos aos desafios actuais que esta teoria ainda enfrenta.

Este é apenas um exemplo que pode ilustrar as potencialidades do estudo das VNNs e a natureza dos argumentos que esta pode fornecer para a fertilização da teoria linguística. Na medida em que esta pesquisa for capaz de se inserir num quadro teórico consistente, estarão a ser dados passos decisivos, que poderão pôr fim ao longo período de discriminação negativa que atingiu as VNNs, e as excluiu do universo da pesquisa científica sobre as línguas naturais.

¹⁴ Veja-se Donaldson (1995: 226), que ressalta esta vantagem do estudo das VNNs, referindo-se às mudanças que se registam actualmente no Africander na África do Sul sob a influência do Inglês, que ocorre numa situação de íntimo bilinguismo e contacto linguístico.

¹⁵ Além disso, a investigação sobre a génese das VNNs pode fornecer igualmente argumentos de relevo sobre outras dimensões da mudança linguística. Está neste caso a questão das “múltiplas competências” ou “gramáticas coexistentes” (Lightfoot, 2006: 164) que caracterizam alguns falantes durante curtos períodos de transição, e cuja compreensão pode permitir captar a variação e mudança linguística de forma mais produtiva. (cf. Kroch, 1989; Yang, 2002). Pelo facto de serem adquiridas como L2s, que se caracterizam tipicamente pela sua variabilidade, também nesta área as VNNs podem fornecer argumentos interessantes para o desenvolvimento da teoria sobre mudança linguística.

¹⁶ No que se refere ao PM, alguns estudos estão já orientados nesta perspectiva. Cf. Gonçalves, 1990; 2002; 2004.

Referências

- Bickerton, Derek (1988) Creole languages and the bioprogram. In Frederick Newmeyer (ed.) *Linguistics: The Cambridge survey. Volume 2: Linguistic theory: Extensions and implications*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 268-284.
- Chomsky, Noam (1986) *Knowledge of language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger
- DeGraff, Michel (1999a) Creolization, language change, and language acquisition: A prolegomenon. In Michel DeGraff (ed.) *Language creation and language change: Creolization, diachrony and development*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 1-46.
- DeGraff, Michel (1999b) Creolization, language change, and language acquisition: An epilogue. In Michel DeGraff (ed.) *Language creation and language change: creolization, diachrony and development*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 473-543.
- Dias, Hildezina (2002) *Minidicionário de moçambicanismos*. Maputo: Edição da Autora.
- Donaldson, B. (1995) Language contact and linguistic change: the influence of English on Afrikaans. In Rajend Mesthrie (ed.) *Studies in South African sociolinguistics: Language and social history*. Cape Town e Johannesburg: David Philip, pp. 222-229.
- Duarte, Inês (2003) O problema da unificação em linguística: A resposta generativista. In Tiago Freitas e Amália Mendes (orgs.) *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 25-44.
- Flynn, Suzanne & Wayne O'Neil (1988) Introduction. In Suzanne Flynn & Wayne O'Neil (eds.) *Linguistics in second language acquisition*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 1-25.
- Gass, Susan & Jacquelyne Schachter (1989) Introduction. In Susan Gass & Jacquelyne Schachter (eds.) *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-40.
- Gonçalves, Perpétua (1990) *A gramática do português em Moçambique: Aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Perpétua (2002) The role of ambiguity in second language change: The case of Mozambican African Portuguese. *Second Language Research* 18, pp. 325-347.
- Gonçalves, Perpétua (2004) Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: arguments from the genesis of Mozambican African Portuguese. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 19 (2), pp. 225-259.
- Gonçalves, Perpétua (2005) A formação de variedades africanas do Português: Argumentos para uma abordagem multidimensional. In *A língua portuguesa: presente e futuro – Textos da Conferência Internacional “A língua portuguesa: presente e futuro”, Dezembro de 2004*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 223-242.
- Hawkins, Roger (2000) *Second language syntax: A generative introduction*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Kachru, Braj (1986) *The alchemy of English: The spread, functions and models of non-native Englishes*. Oxford: Pergamon Press.
- Kroch, Anthony (1989) Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change* 1, pp. 199-244.
- Lakshmanan, Usha (1994) *Universal grammar in child second language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- Lightfoot, David (1981) Explaining syntactic change. In Norbert Hornstein & David Lightfoot (eds.) *Explanation in linguistics*. New York: Longman, pp. 209-240.

- Lightfoot, David (1991) *How to set parameters: Arguments from language change*. Cambridge Massachusetts: MIT Press.
- Lightfoot, David (2006) *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Long, Michael (2003) Stabilization and fossilization in interlanguage development. In Catherine Doughty & Michael Long (eds.) *The handbook of second language acquisition research*. Malden, Massachusetts: Blackwell, pp. 487-535.
- Louwenberg, Peter (1986) Non-native varieties of English: Nativization, norms and implications. *Studies in Second Language Acquisition* 8 (1), pp. 1-18.
- Maciel, Carla & Joaquina Pascoal (2002) Produção científica sobre o português de Moçambique. In Armindo Ngunga, Samima Patel, Inocêncio Pereira e Aurélio Simango (orgs.) *Investigação em ciências sociais e humanas: Situação actual e perspectivas*. Maputo: Livraria Universitária/Universidade Eduardo Mondlane, pp. 71-93.
- Mohanan, K. P. (1992) Describing the phonology of non-native varieties of a language. *World Englishes* vol. 11 (2/3), pp. 111-128.
- Mufwene, Salikoko (1994) New Englishes and criteria for naming them. *World Englishes* 13 (1), pp. 21-31.
- Mufwene, Salikoko (1997) Jargons, pidgins, creoles, and koines: What are they?. In Arthur Spears & Donald Winford (eds.) *The structure and status of pidgins and creoles*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 35-69.
- Odlin, Terence (1992) Transferability and linguistic substrates. *Second Language Research* 8, pp. 171-202.
- Paiva, Maria da Conceição & Duarte, Maria Eugênia (2003) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Sorace, Antonella, Caroline Heycock, & Richard Shillcock (1999) Introduction. In Antonella Sorace, Caroline Heycock & Richard Shillcock (eds.) *Language acquisition: Knowledge representation and processing*. Dordrecht: Elsevier, pp. 1-21.
- Sridhar, S. (1992) The ecology of bilingual competence: Language interaction in the syntax of indigenized languages. *World Englishes* 11 (2/3), pp. 141-50.
- Sridhar, Kamal & S. N. Sridhar (1986) Bridging the paradigm gap: Second language acquisition theory and indigenized varieties of English. *World Englishes* 5, pp. 3-14.
- Sridhar, S. & Sridhar, Kamal (1994) Indigenized Englishes as second languages: Toward a functional theory of second language acquisition in multilingual contexts. In R. Agnihotri & A. Khanna (eds.) *Second language acquisition: socio-cultural and linguistic aspects of English in India*. New Delhi/Thousand Oaks/London: Sage Publications, pp. 41-63.
- Yang, Charles (2002) Grammar competition and language change. In David Lightfoot (ed.) *Syntactic effects of morphological change*. Oxford: Oxford University Press, pp. 367-380.
- White, Lydia (2000) Second language acquisition: From initial to final state. In John Archibald (ed.) *Second language acquisition and linguistic theory*. Oxford: Blackwell, pp. 130-155.
- Williams, Jessica (1987) Non-native varieties of English: A special case of language acquisition. *English World-Wide* 8 (2), pp.161-199.
- Williams, Jessica (1989) Variation and convergence in nonnative institutionalized Englishes. In Miriam Eisenstein (ed.) *The dynamic interlanguage: Empirical studies in second language variation*. New York: Plenum Press, pp. 117-136.
- Zuengler, Jane (1989) Identity and IL development and use. *Applied Linguistics* 1, pp. 80-96.